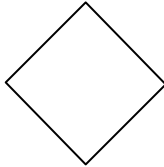


Língua estrangeira



Maria de Fátima Gonçalves?

Sou professora do 1.º Ciclo do Ensino Básico há 22 anos, tendo terminado o CESE de Ensino Precoce de uma Língua Estrangeira – Francês, no Instituto Politécnico de Santarém, Escoa Superior de Educação, em Junho de 2000.

Nesta minha apresentação começarei por contextualizar a minha experiência no ensino precoce de uma LE, mais propriamente de Francês. Em segundo lugar, referirei a necessidade de formação que se impunha, no meu caso, e, finalmente, procurarei justificar a motivação para a escolha do tema a tratar no estudo que desenvolvi: “A televisão no ensino precoce de uma língua estrangeira”.

Na segunda parte da comunicação apresentarei, em linhas gerais, a monografia.

Nos anos lectivos compreendidos entre 94 e 98 desenvolvi, em conjunto com outra professora, um projecto de Intervenção Pedagógica Ensino Precoce de uma Língua Estrangeira – Francês, nas três escolas do 1.º ciclo em Tomar, trabalhando cada uma com vinte turmas desde o 1.º ano de escolaridade até ao 4.º ano.

Nestes últimos anos, desenvolvo o mesmo projecto só com a minha turma, em virtude de não estar em regime de destacamento, devido à falta de professores.

? Professora do 1.º Ciclo.

Foi com base no Decreto-Lei 286/89 de 29 de Agosto, Art.º 5 ponto 1 do DGEBS, no qual é contemplada a iniciação de uma LE no 1.º ciclo “na sua realização oral e num contexto lúdico”, que elaborámos um projecto. Este projecto, desenvolvido nas escolas, visava essencialmente a expressão oral, tendo-nos baseado em manuais franceses, como “Le petit Lascard”, para os 1.º e 2.º anos e “Le français en Chantant”, para os 3.º e 4.º anos. Adaptámos sempre as actividades à realidade das nossas crianças e partimos do seu quotidiano. Servimo-nos de canções, lengalengas, jogos, para que os alunos aprendessem brincando.

Durante esta experiência verificámos, muitas vezes, que a Língua Estrangeira serviu de motivação para outras aprendizagens; tornou as crianças curiosas e ajudou muito a aprendizagem da Língua Materna, uma vez que os alunos eram levados a comparar a sua língua com a do “Outro”. Iam fazendo descobertas que alimentavam, ainda mais, a sua curiosidade. Como refere R. Cohen (1991), a Língua Estrangeira abre novos horizontes à criança ao ser veículo de cultura, de modos de vida, de pensar e torna a criança curiosa, factor importante contra o racismo e a discriminação.

Não poderia deixar de referir o papel, positivo, desempenhado pelo Ministério da Educação no campo da formação de professores para as línguas estrangeiras, a nível do 1.º Ciclo. No entanto, importa referir que a maior parte das acções realizadas se ficava pela troca de experiências, faltando, sem dúvida, o suporte teórico. Muitas vezes, era um dar e um receber “receitas” que aplicadas poderiam dar ou não resultado.

Apesar de tudo, a experiência destes anos foi positiva, enriquecedora e muitas histórias haveria para contar.

Foi no início do quarto ano de destacamento que me foi possível frequentar o CESE de Ensino Precoce das Línguas Estrangeiras, tomar contacto com as teorias que muitas vezes estavam subjacentes às minhas práticas, reflectir sobre essas mesmas práticas e tornar-me uma educadora reflexiva e mais consciente.

A formação adquirida foi alterando as minhas práticas pedagógicas não só, no ensino da LE, mas também toda a minha maneira de estar e de ser na sala de aula.

Desde o início interessei-me pela comunicação. Nós professores, comunicadores por excelência, fomos levados a repensar as nossas atitudes e comportamentos, reflectindo sobre as práticas que contribuem, de algum modo, para o sucesso ou insucesso escolar de muitos dos nossos alunos. A reflexão feita, na aula, sobre as zonas de proximidade entre o discurso pedagógico e o discurso mediático levou-me a optar por este assunto.

Escolhi a televisão, pelo facto de ser um suporte omnipresente e de grande poder nas crianças de hoje, sendo considerada mesmo como uma “rival” da escola. Várias razões existem para esta representação: o facto dos pais empregados estarem todo o dia fora de casa e o facto das crianças não terem outras ocupações – estes factos determinam o seu “encantamento” pelo pequeno ecrã.

Poderemos, então, questionarmo-nos sobre as causas desta rivalidade, já que o jornalista e o professor são comunicadores por excelência. Onde estará a diferença? Um bom observador dos *media* e, particularmente, da televisão, verificará que o tipo de discurso utilizado – discurso narrativo – e os meios para fazer passar as mensagens, em muito diferem dos utilizados na sala de aula, onde o discurso é mais expositivo e explicativo.

Citando Louis Porcher (1994), “os nossos alunos são alunos de televisão”. A escola não pode ser alheia a este facto e tem que proporcionar às crianças instrumentos metodológicos que lhes permitam fazer um bom uso da televisão.

Actualmente, o acesso a emissões de televisão estrangeira através da TV cabo ou da TV satélite, fornece-nos os “documentos autênticos” que poderemos utilizar nas nossas salas de aula, tornando as nossas aulas mais motivadoras. Por que não aproveitar este utensílio que a tecnologia põe ao nosso dispor? Por que não nas aulas de Língua Estrangeira?

Foram questões que fui colocando até formular o meu problema:

Poderão os programas de televisão em Língua estrangeira despertar nos alunos sinais de interesse e motivação por oposição aos “métodos tradicionais?”

O objectivo deste estudo consiste, então, em comparar os comportamentos e atitudes das crianças perante emissões em LE e os comportamentos e atitudes perante o tratamento do mesmo tema através do “Método Tradicional”, interrogando-se sobre os sinais de interesse e motivação que estes programas despertam na criança. Convém esclarecer que “Método Tradicional” é, neste caso, entendido por oposição à utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), ao recurso ao CDROM, Internet, e à televisão.

Para conduzir este trabalho três hipóteses foram postas:

- Recorrer a programas televisivos, em LE, favorece a aprendizagem dessa mesma LE.
- O Discurso televisivo desperta, nos alunos, comportamentos de interesse e atitudes positivas.

- A disposição, dos alunos, na sala de aula, em relação ao professor (disposição/“Método Tradicional”) ou em relação à televisão tem influências nos comportamentos.

Havia que fundamentar, teoricamente, o trabalho. Para isso, e em primeiro lugar, realço os documentos europeus dos quais saliento “O Livro Branco para a Educação e Formação”. Este importante documento refere que o cidadão europeu deve dominar três línguas comunitárias e para isso é desejável começar a aprendizagem de uma língua estrangeira logo no nível pré-escolar; defende, ainda, que esse ensino se torne sistemático no 1.º Ciclo. O facto de vivermos numa Europa unida, em que a circulação de produtos e de pessoas se faz, hoje, a um ritmo acelerado, leva-nos a sentir a necessidade de fornecer, desde muito cedo, às nossas crianças, meios para que possam desenvolver a sua competência comunicativa, aprender a respeitar a língua e cultura do “Outro”, preservando, simultaneamente, cada país e respectiva identidade cultural. É para esta perspectiva que o documento “Les langues vivantes: apprendre, enseigner, évaluer. Un Cadre européen commun de référence” aponta quando sugere: “Il est nécessaire de continuer à intensifier l’apprentissage et l’enseignement des langues dans les états membres pour favoriser une plus grande mobilité, une communication internationale plus efficace qui respecte les identités et la diversité culturelle, un meilleur accès à l’information, une multiplication des échanges interpersonnels, l’amélioration des relations de travail et de compréhension mutuelle”.

Os dois documentos citados apontam na direcção da inovação das práticas pedagógicas e do uso das novas tecnologias no ensino.

Tendo de construir um enquadramento teórico necessário ao desenvolvimento do meu estudo, aprofundi essencialmente os meus conhecimentos sobre ensino precoce das línguas estrangeiras nos trabalhos de Louis Porcher, Rachel Cohen, Daniel Coste, Maria Helena Araújo e Sá entre outros. Em relação à televisão e à sala de aula, foi nos trabalhos de Thierry Lancien, Clara Ferrão e Teresa Valente, Chalvon, Corset e Souchon, P. Charaudeau, Rolande Kodsi..., que me baseei.

Para a comunicação salientarei a Escola de Palo Alto, Cosnier, Vaysse e Freyssen.

Não poderei deixar de referir o trabalho de Stéphane Calbo, apresentado na sua tese de doutoramento, “Les manifestations de l’afectivité en situation de réception télévisuelle”, cuja metodologia segui para o desenvolvimento do meu trabalho, que se situa numa perspectiva etnográfica.

Os autores citados defendem que os professores deverão ter uma formação específica sobre a utilização dos *media*, na sala de aula, para usarem convenientemente estes utensílios, e formarem telespectadores activos. No caso da televisão, é proposto por Thierry Lancien não a “utilização” da mesma, mas o seu “uso”. No caso da “utilização”, a aprendizagem é programada e estruturada. Com o auxílio do vídeo, da TV cabo e da TV satélite é possível propor alguns “usos” da televisão na escola. O professor tem a possibilidade de gravar e fazer toda uma exploração pedagógica do documento que vai apresentar.

A turma que leccionava era composta por 24 alunos do 4.º ano de escolaridade; dez rapazes e catorze raparigas, idades entre os oito e os nove anos, excepto dois alunos, que tinham doze anos. O nível económico da turma era médio-alto, com excepção dos dois alunos de doze anos, possuindo alguns TV Cabo em casa.

Como se tornava moroso e difícil analisar todos os alunos e, porque as gravações foram feitas de um modo artesanal, foram seleccionados os quatro alunos que mais se viam nas gravações: M.J., J.F., C. e P.F., analisando os seus comportamentos.

Escola urbana situada na parte antiga da cidade de Tomar, a referida escola possui 12 salas de aula num total, aproximado, de 385 alunos. O horário frequentado pela turma em questão era o duplo-manhã.

No final, o trabalho será apresentado sob a forma de quatro estudos de caso.

Foi escolhido um tipo de programa francês, semelhante a um programa português, permitindo, deste modo, um entendimento fácil. Procurei que o vocabulário explorado se encontrasse dentro dos conteúdos programáticos do 1.º Ciclo do Ensino Básico, usando a LE numa perspectiva multidisciplinar.

O *corpus* substanciou-se na transcrição da gravação de duas aulas: uma em que os alunos observaram La Météo da TV5 e, de seguida, foi explorado vocabulário relacionado com os continentes, oceanos, cidades, símbolos da meteorologia. Esta aula designa-se a de *corpus A*; a outra, em que abordei o mesmo tema sem recurso à televisão, “Método Tradicional”, chamei o *corpus B*. A primeira gravação foi feita na biblioteca da escola onde se encontra a televisão e a segunda na sala de aula.

A gravação do *corpus A* inclui duas sequências: na primeira, os alunos observavam a emissão; na segunda, é feita a exploração que se seguiu à da observação.

A gravação do *corpus B* inclui, também, duas sequências: na primeira, a exposição do tema é feita pelo professor, na segunda, a exploração é feita com os alunos.

Para a análise foram tidas em conta, num primeiro momento, as atitudes comportamentais de interesse, motivação, afectividade; num segundo momento, as manifestações comportamentais verbais e não verbais dos alunos. Analisei os comportamentos cinésicos e proxémicos.

Tendo em atenção que todo o trabalho interessante não cansa a criança, que lhe mobiliza as suas reservas internas e, por conseguinte, as motiva para o ensino/aprendizagem desencadeando, nestes, um conjunto de reacções emocionais do corpo, susceptíveis de serem observadas e analisadas, concluímos que:

Os alunos sentiram-se mais atraídos pelo discurso mediático do que pelo discurso do professor que foi mais explicativo e expositivo, utilizando muitas repetições que desinteressaram, de certa maneira, os alunos. Verificámos que a diferença esteve nos formatos do discurso (*mise-en scène*).

Observando as imagens que se seguem, damos-nos conta que as atitudes e comportamentos dos alunos foram, sem dúvida diferentes. A primeira imagem refere-se ao *corpus A* e a segunda ao *corpus B*.



M. J. – posição de conforto e descontraída
C. – mãos juntas (gesto auto centrado)
P. F. – mão na boca (gesto auto centrado)
J. F. – encolhendo-se e sorrindo (gesto expressivo)



P. F. – bocejando (denotando um certo cansaço)
J. F. – continua atenta à aula
M. J. – mostrando-se atenta
C. – continua interessada pela aula.

Por estes motivos, estamos convictos de que as nossas primeiras hipóteses foram verificadas. Se os alunos estiveram mais atentos e interessados é natural que os programas televisivos, em LE, neste caso em francês, favoreçam a aprendizagem dessa mesma LE. Tal foi visível através dos comportamentos e atitudes positivas que os alunos tiveram nesta aula.

Quanto à terceira e última hipótese que procurava saber se a disposição dos alunos, na sala de aula, em relação ao professor ou em relação à televisão, tem influências no seu comportamento, poderemos dizer que foi parcialmente verificada, uma vez que o espaço, na biblioteca também não foi o ideal, embora a disposição dos alunos fosse diferente.

Tendo agora em atenção o que de facto aprendi com o nosso trabalho diremos que:

- o uso da televisão no ensino de uma L.E. desenvolve nos alunos a sua competência referencial, linguística e sociocultural;
- o uso da televisão mantém-nos concentrados e atentos;
- as actividades propostas na sala de aula devem ser variadas, por outras palavras, não devemos oferecer um tempo monótono, na escola, quando as crianças por si só já são policronas;
- a música e as imagens são muito importantes para as crianças apreenderem o mundo que as rodeia. No ensino/aprendizagem, motiva-as e interessa-as;
- o mobiliário e o espaço das nossas escolas não é o mais adequado às novas pedagogias e à utilização das novas tecnologias, em especial o uso da televisão na escola. Terá que haver da parte das nossas autoridades um grande investimento neste campo, adaptar o espaço escolar às necessidades das crianças de hoje e formar professores para um bom uso dos *media*, na sala de aula.

Da análise do *corpus* ficou claro que a comunicação tem um carácter multicanal e orquestral. Um gesto poderá não ter apenas um significado, como foi visível aquando do confronto com os alunos-caso, em que muitas vezes a minha interpretação não foi igual à do aluno.

Da minha parte, senti um certo constrangimento com a presença da câmara o que não aconteceu tanto com as crianças. Foi também difícil manter um certo distanciamento e uma desejada objectividade pelo facto de conhecer muito bem os alunos analisados e estar directamente implicada neste estudo.

É de referir que quanto mais avançava no estudo mais dificuldades se me depararam, sobretudo, quando cheguei à análise do *corpus* e à análise da

comunicação não verbal, devido precisamente à ambiguidade dessa comunicação.

Gostaria, no entanto, que este estudo tivesse como objecto todos os alunos da turma, no entanto por falta de tempo e por razões de ordem técnica, tal não foi possível. Também gostaria de ter alargado o estudo e, não só ter analisado os comportamentos dos alunos, mas também os meus para ver até que ponto a linguagem não verbal do professor influencia os comportamentos dos alunos. No entanto esta e outras questões foram-me surgindo ao longo do trabalho das quais além desta salientarei outras que deixarei como pistas para futuros estudos, como:

- como lêem os nossos alunos as imagens televisivas?
- que instrumentos metodológicos são dados aos alunos na escola que lhes permitam fazer uma boa leitura de imagens e por conseguinte fazer um bom uso da televisão?
- qual a influência das emissões estrangeiras na auto aprendizagem de uma L.E.?
- que relação: espaços escolares actuais/utilização das novas tecnologias?
- qual o papel metalinguístico da gestualidade no ensino / aprendizagem?
- que importância dão os professores à gestualidade dos seus alunos?
- qual a influência dos comportamentos não verbais dos professores nos comportamentos e atitudes dos alunos?

Pareceu-me importante apresentar um percurso inovador para mim.

Quero, no entanto, referir que o CESE de Ensino Precoce das Línguas Estrangeiras foi ao encontro das minhas expectativas, ajudando-me a crescer. Tal crescimento foi conseguido através da reflexão que, colectivamente, éramos levados a fazer sobre as nossas práticas e, conseqüentemente, a melhorá-las. Foi-me dada a base teórica que, de algum modo, já estaria subjacente às minhas práticas. Todos sabemos o quão importante é a prática, mas não menos a teoria que a suporta.

O trabalho aqui apresentado tem tido, e terá, influências positivas em toda a minha prática com as crianças, dado que tenho procurado fazer o ensino da Língua Estrangeira numa perspectiva pluricultural e plurilinguística.